



Cultura e Comunidade: Construção de um cenário “glocal”

Tânia Guerra*



manas, reforça ligações, sugere e consubstancia a necessidade de um forte envolvimento comunitário nas práticas culturais.

É facto que as comunidades procuram, acima de tudo, sentir orgulho, mas também promover e causar impacto positivo por meio das suas práticas culturais. Pelo que, sendo certo que os consumidores estão cada vez mais diferenciados e exigentes, torna-se crucial equacionar estratégias participativas que ajudem a desenvolver experiências autênticas e que criem valor, onde impere a proteção da diversidade cultural, o reconhecimento e o respeito mútuo.

Contudo, levantam-se questões como: é possível reter uma participação ativa dos membros da comunidade num processo de planeamento e reestruturação cultural? Será que as próprias populações locais ambicionam participar ativamente no processo de tomada de decisões e desejam ter uma voz e papel ativos neste processo?

Na realidade a cultura é de, e para a comunidade, ela própria detentora da herança cultural, pelo que um processo adequado de planeamento deverá, indubitavelmente, envolver a comunidade residente para que o desenvolvimento sustentável seja bem-sucedido.

A cultura molda identidades, promove noções de comunidade, e molda a forma como indivíduos e grupos se relacionam uns com os outros, como se cria significado e como se define a “glocal”. Desta forma, a “glocalização” não implica uniformidade cultural, mas antes uma tentativa de aproximar as dinâmicas e processos locais aos globais. É afinal o pressuposto, segundo o qual, a globalização apresenta duas faces da mesma moeda: a massificação de bens e ideias e a assunção identitária dos locais.

Para tal, torna-se essencial refletir acerca das contribuições práticas que interligam a identidade cultural à globalização, “glocalização”, instrumentalização e materialização da

própria identidade do lugar. Aqui deve enfatizar-se a importância da autenticidade assente nos recursos e sistemas de valores locais, evitando aquilo que alguns académicos rotulam de “autenticidade encenada” e que desvirtuaria os presentes pressupostos.

Sugere-se, então, que o conceito de “glocalização” está fortemente ligado às práticas culturais que se desenvolvem a nível local, mas se projetam globalmente. Assim, a volatilidade dos produtos culturais requer uma comunidade não só dotada de conhecimento, competências e experiência, mas também uma atualização constante das tendências mais recentes, bem como de um pensamento crítico capaz de conciliar adaptação com inovação. ◀

*Professora do Politécnico de Leiria

Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar

Doutorada em Turismo

Investigadora nas áreas de Património, Turismo Cultural e Turismo Industrial

Num mundo cada vez mais globalizado, as relações humanas, constituídas por redes e expressas nas comunidades locais, enfrentam, a cada instante, novos desafios que se relacionam com as muitas interconexões entre o global e o local, conceito inovador intitulado escolasticamente de “glocalização”. A “glocalização” envolve, em grande medida, o intercâmbio entre valores locais e globais, conducentes à criação de novas tradições de consumo, onde se cruzam intervenientes comunitários e fluxos transnacionais. Este fenómeno está presente nas muitas dimensões hu-